

<http://dx.doi.org/10.26694/pensando.v15i35.5406>
Licenciado sob uma Licença Creative Commons
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0>



A TESSITURA LINGUÍSTICA DA REALIDADE EM VILÉM FLUSSER

The linguistic tissue of reality in Vilém Flusser

Manuel Cândido Pimentel
Universidade Católica Portuguesa

Resumo: Vilém Flusser sustenta que «a língua é realidade». Esta tese é acolhida neste ensaio que a interpreta no quadro de uma ontologia da língua. O autor parte da metáfora do tecido da língua para mostrá-lo urdido por palavras e significações, sempre ameaçado pelo nada, que é o indizível e o inefável. A fragilidade da língua vem da ameaça do nada. O ensaio penetra no mais recôndito do pensamento de Flusser para questionar-lhe a emergência do referente e do sentido.

Palavras-chave: Ontologia, língua, idioma, palavra, significação, sentido.

Abstract: Vilém Flusser argues that «language is reality». This thesis is taken up in this paper, which interprets it within the framework of an ontology of language (idiom). The author starts with the metaphor of the tissue of language to show it woven by words and meanings, always threatened by nothingness, which is the unspeakable and the ineffable. The fragility of the language comes from the threat of nothingness. The paper penetrates the intimacy of Flusser's thought to question the emergence of the referent and sense.

Keywords: Ontology, language, idiom, word, meaning, sense.

1. Consideração introdutória

A ocorrência fértil da metáfora do tecido em *Língua e Realidade* (1963) é deveras significativa para um pensamento, como o de Vilém Flusser, que situa o seu eixo meditativo numa ontologia da língua, para a qual a língua é um tecido autopoiético de significações. Com esta definição de língua no horizonte e com a ontologia da língua como chave hermenêutica para nos acercarmos da concepção flusseriana, convém desde logo sublinhar a posição do que Flusser designa ser o intelecto no complexo simbólico que é uma língua.

2. A ontologia da língua

Penso não trair a ideia de Flusser admitindo que por intelecto se deve entender o sujeito da língua – é, por outras palavras, o pensamento –, que tem como primordial função a instância mediadora entre os dados dos sentidos e as palavras. Referindo-se ao célebre aforismo de Locke, de que «nada está no intelecto que não tenha estado anteriormente nos sentidos»¹, não é, contudo, uma conceção empirista da língua que desentranhamos de *Língua e Realidade*, que está muito longe do desprezo do empirismo pelo intelecto, sendo inabordável em Flusser a dicotomia entre coisas e palavras, entre objetividade e subjetividade ou entre sujeito e objeto, dicotomias de que ele pretende a dissolução e

¹ FLUSSER, Vilém, *Língua e Realidade*, São Paulo: Editora Herder, 1963, p. 21.

efetivamente anula na sua conceção de língua, língua que não é simples reprodução das coisas, mas que forma, cria e propaga a realidade.

É desse modo que a língua, que não é uma potência de carácter secundário, é a fonte originária de significações e sentido. Sendo-o, e para preservar o valor de referência do intelecto ao que ele não é, Flusser admite que os sentidos são os doadores imediatos dos dados², tomando consciência por esta via da relação entre a atividade sensório-perceptiva e as estruturas e regras da língua. Embora não tenha aqui uma conceção desenvolvida das ligações entre a atividade da percepção e a atividade da língua como instâncias a ter em conta numa teoria da implicação das estruturas da cognição com as da língua – a sua tendência será para uma visão que considera a estrutura cognitiva como linguística, anulando a diferença entre ambas –, sempre para ele são os sentidos os fornecedores de dados e o intelecto o elo imprescindível entre os dados e a mente ou entre os dados e a língua. Esta doação dos dados, em sua essência empirista, evita a queda de Flusser num idealismo radical ou absoluto, mas a conquista de que a língua implica de formalismo e de distanciamento da realidade empírica, enquanto esta se configura ou supostamente está além da atividade do intelecto, evita, por seu turno, a queda na visão do empirismo.

A tese geral é a de que a língua é intrínseca à própria atividade de doação de dados, um intrinsecismo que proíbe a identificação da cesura entre o dado imediato e a estrutura linguística. O dado cognitivo é já um novelo de implicações, e desde aí e já aí se exerce a atividade da língua, sendo inglório pretender querer conhecer *aquilo que não é* a atividade da língua em exercício no intelecto. Donde se segue que a doutrina de Flusser do *dado bruto* é limitada pela ideia de que o dado na sua bruteza mais não é do que um limite imposto pela língua, que, podemos dizê-lo, recebe e transforma linguisticamente o dado. O maior problema aqui é o de não se reconhecer que a estrutura cognitiva e a estrutura linguística são ontologicamente diferentes, embora não sejam independentes, já que na primeira imprime a segunda a forma da gramática e a regra, instituindo ordem e permitindo organizar o caos sensível. Este caos assoma numa ordem onde cognição e linguagem estão entrelaçadas. A ausência em Flusser de uma fenomenologia da percepção a dar conta das implicações linguísticas da percepção mergulha-o num linguisticismo para o qual não existe distinção entre cognição e língua. Para ele, o exercício da cognição é já a realização da língua ou, numa outra forma de ver, o exercício da língua e o exercício de cognição são o mesmo, donde uma certa tendência inconsciente para um monismo linguístico a assumir a identidade entre real e língua. O que a língua concebe é o real concebido e a conceber-se.

Tem sentido para Flusser distinguir entre as palavras e os dados, mas é preciso compreender que esta é uma distinção lógico-formal, aliás assim vista com justeza, pois que, na verdade, não é possível saber até onde vai o dado e começa a palavra. Ao lado das palavras, que consistem, em sua maioria, na matéria-prima do intelecto, com que contamos, compilamos, comparamos e computamos³, temos os dados dos sentidos, os quais, para Flusser, distinguem-se *qualitativamente* daquelas, e que têm como característica o serem inarticulados⁴. Dizer que os dados dos sentidos são inarticulados é mostrar que carecem de ser articulados. Ora, esta articulação só poderá fazer-se pela língua, ou seja, eles têm de ser transformados em palavras para podermos computá-los⁵

² Cf. FLUSSER, Vilém, *Língua e Realidade*, pp. 21-22.

³ Cf. FLUSSER, Vilém, *Língua e Realidade*, p. 22.

⁴ Cf. FLUSSER, Vilém, *Língua e Realidade*, p. 22.

⁵ «Aquilo com que contamos, o que compilamos e comparamos, e o que computamos, enfim, a matéria-prima do nosso pensamento, consiste, em sua maioria, de palavras. [...] Além de palavras, os sentidos fornecem outros dados. Estes se distinguem das palavras qualitativamente. São dados inarticulados, isto é, imediatos. Para serem computados, precisam ser articulados, isto é, transformados em palavras.» (FLUSSER, Vilém, *Língua e Realidade*, p. 22)

Segue-se, então, o termos de admitir que há, «aparentemente, uma instância entre sentido e intelecto, que transforma dado em palavra»⁶. Aquele «aparentemente» é força de expressão, porque a instância do intelecto é essa mesma força transformadora dos dados em palavras, não sendo o dado mais do que palavra, portanto, linguisticamente pensado. Assim, se procedermos no sentido da definição da realidade como *conjunto de dados*, concluímos que nós vivemos na realidade das palavras e na dos dados brutos, mas como estes alcançam o intelecto em forma de palavras, podemos conceber que a realidade consiste em palavras e de palavras *in statu nascendi*⁷, o que constitui a posição ontológica de base de Vilém Flusser, segundo a qual a realidade nada mais é do que palavra. Portanto, a coisa, linguisticamente dita, é ainda e sempre língua, não havendo trânsito ou medida de passagem do intelecto para a coisa, como realidade não-linguística, ou da coisa para o intelecto, sem a sua identificação pela palavra. Nesse sentido, a coisa não-linguística é o impensável e, em verdade, o inarticulado.

A realidade é um sistema dinâmico de articulações e, nesse sistema, o intelecto posiciona-se como o tecelão na tecelagem, isto é, urde a tessitura da língua. Assim nos mostra significativamente o próprio Flusser para quem o intelecto, no sentido restrito, «é uma tecelagem que usa palavras como fios» e, em sentido lato, «tem uma antesala na qual funciona uma fiação que transforma algodão bruto (dados dos sentidos) em fios (palavras)»⁸. O ato de fiar é uma metáfora para a atividade linguística do intelecto, que temos, também, de observar na sua natureza linguística, na medida em que ele é envolvido pela língua, participa do seu *fieri* e é, de certo modo, produto da língua, no sentido de que é formado pela língua, seja por esta ou aquela língua. Neste aspeto, a formação do intelecto difere de língua para língua, que há um intelecto formado pelo alemão, pelo português, pelo inglês, pelo chinês, etc.

Um ponto interessante está na chamada de atenção de Flusser para o facto de que o intelecto, que não independe de uma língua determinada, gerar ou criar realidade no idioma que o conforma, pelo que a tessitura linguística do que chamamos a *realidade* não é única, mas haverá transfinitas «realidades» com os seus tecidos de língua, tantas quantas as línguas possíveis, e cada qual com a sua ontologia. O outro ponto interessante está em que existe em Flusser uma ontologia que não se identifica com as ontologias plurais (diríamos regionais?) das línguas, que nele age de uma forma inconsciente quando, mais do que em definir, aceita para todas as línguas que a atividade da língua forma e cria realidade e que há uma identificação da língua com a realidade na simples afirmativa de que a *língua «é» realidade*.

Assim colocado o problema, o ser, que se identifica com a língua, é toda a dimensão do tecido da língua estendendo os seus bordos até o que não é o ser e ameaça o ser como sendo o nada, no fundo a dimensão infinda do não-articulado pela língua, que até supera a possibilidade de ser articulado, como acontece com entidades metafísicas, ou simplesmente o nùmeno ou *coisa em si*, eternamente inacessíveis à tecelagem da língua. A língua afunda as suas fronteiras no nada, que é o indizível, o inescrutável, o impensável, o inarticulável, que constantemente a ameaça de aniquilamento e que mostra, por isso, o quanto é o seu tecido frágil⁹.

O nada, que tem uma sua voz no silêncio do não-discurso, e pode a todo o momento silenciar a língua, é afirmado em Flusser com pregnância ontológica sobre o ser frágil da língua. Isto alimenta uma «realidade» do nada mais extensa e poderosa que a *realidade* da realidade linguística ou criada pela língua. Esta ideia de «nada» como sinónimo do indizível e indescrevível pode alcançar, e alcança em Flusser, uma dimensão religiosa mas sem absoluto (o que poderia justificar o ateísmo), nomeadamente quando

⁶ FLUSSER, Vilém, *Língua e Realidade*, p. 22.

⁷ Cf. FLUSSER, Vilém, *Língua e Realidade*, p. 23.

⁸ FLUSSER, Vilém, *Língua e Realidade*, pp. 22-23.

⁹ «O tecido da língua é uma estrutura frágil e ameaçada constantemente de aniquilamento pelo nada que a envolve de todos os lados.» (FLUSSER, Vilém, *Língua e Realidade*, p. 214)

dela se aproximam a poesia e a oração, como dimensões da língua, assim pelo pensador designadas, e como alturas maiores do desenvolvimento da própria língua. Esta convicção de um nada oceânico que simultaneamente limita e ladeia a língua, como uma esfera boiando no mar imenso, é uma marca de identidade da ontologia linguística de Flusser, que de facto designa o nada como primordial e anterior à língua para evitar o problema da *origem* da própria língua (ou das línguas), que é, para ele, um dado inescrutável¹⁰, assim alimentando uma ontologia do nada simultânea da sua ontologia do ser da língua.

O outro aspeto que caracteriza a ontologia da língua em Flusser está na convicção da sua universalidade: de que há um princípio unívoco (a realidade) que justifica e mesmo funda o pluralismo ontológico dos idiomas. Independentemente de os idiomas serem realidades diferentes, há um patamar ontológico na convicção de que todo o idioma tece realidade e que o intelecto se apreende e se compreende linguisticamente na antessala da fiação.

Ora, no intento de compreender Flusser, convém agora chamar a atenção para essa antessala da fiação onde se jogam o intelecto e o não-intelecto ou, na expressão mesma do pensador, o Eu e o Não-eu, e cujo prolongamento se estende até ao nada. Ele nos dá esta afirmação espantosa: «O Eu e o Não-eu são as duas faces daquele *nada* que, de acôrdo com o pensamento existencial, *estabelece* (herstellt) o Ser.»¹¹ Sublinhemos: *o eu e o não eu são as duas faces daquele nada que estabelece o Ser*. Por outras palavras, para Flusser, as línguas, ou o conjunto delas, surgem do nada do Eu e Não-eu e expandem-se em direção ao nada. Este nada, se é o não-articulado, seria o território que estabelece o articulado ou sobre que o articulado se estabelece.

O nada a estabelecer o Ser diz exatamente da geometria do problema: a língua é uma esfera boiando no oceano do nada, como há pouco disse, ou um círculo para lá de cuja linha o nada é o indizível. Mas a ontologia linguística de Flusser finge aqui a ontologia do nada como dinâmica, admitindo que ela possa estabelecer o Ser, quando, na verdade, é a ontologia da língua que, em verdade, estabelece o nada como Nada, já que, a não ser assim, teria Flusser de atribuir qualidade criadora ao nada, o que não admite, já que o nada é a noite onde todos os gatos são pardos e de onde não chega o discrimen e a diferença. Em verdade, a ontologia da língua é, em Flusser, dinâmica, mas não a do nada, para a qual tem este o sentido limítrofe da fronteira entre o dizer e o silêncio ou entre o perscrutável e o inescrutável.

Como, pois, entender que o nada estabeleça o Ser? Admitindo que o *nada* seja mais do que «um conceito vazio e negativo»; acolhendo-o como «um superconceito sinónimo do *indizível*»¹². Ou seja, há um deslizar de Flusser para um conceito existencial do Ser como o que nasce ou conasce das relações entre os intelectos; leia-se nestas relações a natureza mesma dos intelectos agindo e reagindo em conversação linguística, produzindo conversação, formando realidade em conversação. Neste sentido, algo desponta, a realidade, no tecido da conversação linguística como o dizível do indizível, pelo que há que admitir que os interstícios do tecido da realidade que é o Ser sejam constantemente penetrados pelo indizível, isto é, pelo nada e que o jogo dinâmico que faz a realidade se estabeleça desde o nada, embora não a partir de este, já que o origina antes a própria língua. É assim que se pode compreender que «A grande conversação da qual participamos e que é tóda a realidade vem do nada e trata do nada»¹³.

Adequadamente Flusser se expressa mostrando que toda a realidade só o é apenas dentro do processo linguístico, pelo que, para ele, é esse *algo* aquilo que os intelectos em conversação compreendem, sendo aqui e a partir daqui que toda a ontologia válida deverá ser construída. A presença de interlocutores de diálogo (a conversação autêntica entre intelectos) mostra que, para Flusser, a língua é uma obra histórica e coletiva e que a

¹⁰ «Somos forçados a aceitar a língua e seu carácter simbólico como a própria condição do pensamento, e a frase “origem da língua” carece, portanto, de significado neste contexto.» (FLUSSER, Vilém, *Língua e Realidade*, p. 25)

¹¹ FLUSSER, Vilém, *Língua e Realidade*, 1963, p. 142.

¹² FLUSSER, Vilém, *Língua e Realidade*, p. 142.

¹³ FLUSSER, Vilém, *Língua e Realidade*, p. 142.

realidade, como acontecimento linguístico, identifica-se com o tecido *poiético* da conversação linguística, não sendo ela senão o produto dialógico dos intelectos que conversam, pelo que, nesta última aceção, o pensador cuida com gravidade do tema do saber como obra social e das consciências sociais, donde o sentido da universalidade da realidade como algo que todos compreendem e podem compreender e comunicar.

Há, entretanto, um problema com a conversação sobrenadando o nada e que diz respeito ao tema do acontecimento extralinguístico, cujo enigma não encontra solução satisfatória em Flusser, talvez porque tenha rodeado de excessivo transcendentalismo a sua conceção do ser, evitando o problema que tal tema impõe e que é o do referente e, ultimamente, o da existência.

O problema do referente não pode ser avaliado em relação às regras de cada língua, já que ele as excede como o acontecimento extralinguístico que funda todo o acontecimento linguístico. A significação das palavras, das frases e, mais geralmente, do discurso são alcançadas por essa impulsão de sentido que vem do referente. Não só cada palavra tem como elemento constitutivo o que não é palavra como todo o ato de dizer não se reduz ao dizer; apontam para além de si, da forma para o conteúdo, do signo para o significado e do símbolo para a significação. O discurso é um ser de interioridade entretecida com exterioridades que se dão, sempre e contudo, pelo acontecimento da linguagem. É este entretecer, como corda, rede, malha ou tecido de um só fio, que explica como a linguagem natural é sempre acompanhada no jogo das suas significações pelo referente – que não é dado bruto, mas fio em comum com os fios da linguagem, inseparáveis –, isto é, o mundo que a referência expõe ao acontecimento de linguagem, donde no referente o foco e a origem mesma do que permite dizer que a linguagem não é só acontecimento, mas acontecimento de sentido.

Vilém Flusser evita o referente como esse acontecimento que é inescrutável pela língua e que, portanto, se encaminha ao nada ou é nada. Ao evitá-lo, desenvolve uma teoria ontolinguística dos mecanismos de significação das línguas e da própria significação que se faz na base do ocultamento do referente, e negativamente pela equivalência deste com o nada. A realidade linguística passa a conter milagrosamente sentido, pois que é este que permite o dialogismo da conversação autêntica como é por ele que o «algo» que é a realidade é ser comunicável e ser compreensível. Falta assim ao discurso flusseriano uma adequada visão do referente que nunca se afirma, mas com que se conta na mecânica estrutural da gestão do sentido, já que, para Flusser, a língua gera efetividade. A questão está em saber onde ir procurar o fundamento dessa efetividade, se na realidade *real*, se no intelecto enquanto sujeito de linguagem. Não vão por aí os argumentos de Flusser que parece reservar-se na ideia de que a língua possui em si todas as virtualidades, incluída a do sentido.

O impedimento para a aceitação do referente veio-lhe do preconceito do transcendentalismo kantiano e é provável que tenha aqui agido por não declarada *epoché* fenomenológica sobre o acontecimento extralinguístico que anda de braço dado com os dilemas da existência e da transcendência. Se estamos como estamos diante de uma ontologia de senso linguístico, é porque ela é capaz de sustentar que a realidade só se dá no nó das palavras e no nexa comunicacional e criador dos intelectos conversando a língua, donde o afastamento da ontologia flusseriana de qualquer tipo de nominalismo, já que a palavra não é *flatus vocis*, mas uma unidade de significação e sentido, diz *realmente* «algo». Se se afasta também do realismo *tout court* como do idealismo absoluto (o sujeito não é criador da realidade), permanecerá o seu pensamento enquadrado pelo idealismo transcendental kantiano?

Pode haver uma interpretação transcendentalista da linguagem, de que, de certo modo, tinha consciência Vilém Flusser, se por ela entendermos a leitura linguística da filosofia transcendental kantiana, considerando que o categorialismo é uma forma de processamento da linguagem no quadro da ontologia da língua alemã, ou procedente desta, aceitando que as formas *a priori* da sensibilidade e as categorias do entendimento são outras tantas estruturas de língua. Se ele aceita de Kant que não temos acesso à *coisa*

em *si*, aparta, todavia, a ideia de que o kantismo possa oferecer o que seria a língua pura acima de todas as línguas – porque as línguas existem a provar o contrário com os plurais modos de criar realidade; do mesmo modo afasta a ideia kantiana de um sujeito transcendental que, com as suas formas e conceitos *a priori*, filtra os dados, forma e configura os fenómenos, a que opõe a sua noção mais existencial de intelectos em conversação, que não se constituiriam se não fosse a língua, e que, por isso, nunca poderiam apontar para um sujeito *a priori*, mas para sujeitos que são *poietés*, isto é, criadores, no sentido em que a poesia é «o esforço do intelecto em conversação de criar língua»¹⁴.

Assim, fora da língua, o que há de acessível e compreensível é nada, donde o referente mostrar-se encapsulado pelo nada. A doutrina que daqui se extrai é a da imanência sem vetor de transcendência, pois que não aponta para «algo» além de si, mas antes se estriba no circuito fechado da imanência, declarando o nada como vazio do inapreensível. O referente é, pois, esse inapreensível. E considerado deste ponto de vista, ele é o nada. A impossibilidade de uma doutrina do referente em Flusser tem, pois, origem no transcendentalismo kantiano, já que este lhe dava a compreensão dos limites da língua coincidindo com os limites da cognição, informando-o restritivamente no modo como linguajamos, isto é, pensamos e formamos a realidade com a matéria da língua.

Penso que a ideia kantiana de «limite» do conhecimento influenciou poderosamente Flusser na conceção das fronteiras da língua coincidentes com o nada. Donde todo o acontecimento extralinguístico medido pela *coisa em si* e visto proporcionalmente em razão do nada, quando opostamente penso que o acontecimento linguístico, pela emergência do sentido, se entretetece com o extralinguístico, tal a metáfora da corda que acima assinalai, ou, se se preferir, o sentido que vem do referente é um ritmo expandindo-se em ritmos e derramando-se na composição que é a língua. Esta poderosa presença do sentido corresponde à *numenalidade* da língua por ser a sua essência e enquanto ela é a espessura mais funda da linguagem, não linguística.

Quando Flusser ignora o referente, devia ter suspenso o sentido, mas não o fez, caso contrário teria ficado apenas com a parte formal ou lógica da língua, afastando-se do seu poder criador e, em consequência, teria também evitado a ontologia. É pressupondo o sentido na língua que ele pode dizer que «No íntimo sentimos que somos possuídos por ela [a língua], que não somos nós que a formulamos, mas que é ela que nos formula»¹⁵. Aqui, a razão que tem em admitir que não há *a priori*, que não há «realidade» além da realidade, que não há «mundo» a não ser envolvido pela língua, que não há «língua» anterior às línguas e que não há «sujeito» anterior à língua, é porque só há a tessitura autopoiética de significações, seja a língua que envolve, forma e cria realidade, significação e sujeito.

O *cogito* flusseriano, que é o intelecto em conversação, não é o fundamento ou origem do sentido – pelo que aqui não segue Flusser o ensino de Husserl –, senão uma coerência de língua, que é esta a origem de todo o sentido, pelo que o *cogito* não precede nem a língua nem o sentido. Esta admissão de que a língua transporta sentido, embora seja incapaz de prescrever-lhe a origem, dá da língua uma visão de transcendentalismo mitigado, já que há recusa de Flusser de o sujeito da aperceção transcendental kantiano ser a unidade anterior que justifica todas as unificações possíveis.

A realidade, no transcendentalismo mitigado de Flusser, nunca é para um eu descarnado de relações com outros eus, mas é sempre realidade para o «nós» humano. Ela é a realidade conversada, já que é o ser humano que pela língua transforma o caos em cosmos. O fecho de Flusser no interior do imanentismo e a prescrição do transcendente como o nada evocam que a realidade tem a medida do humano, pelo que o seu interrogar ontológico acabará por saldar-se numa redução dos problemas do ser aos problemas antropológicos, o que o encaminha para uma centração da ontologia na imanência do

¹⁴ FLUSSER, Vilém, *Língua e Realidade*, p. 159.

¹⁵ FLUSSER, Vilém, *Língua e Realidade*, p. 19.

humano, visando-a, sempre sem salto efetivo para a transcendência, já que esta se encontra aclimatada pelo nada, o inapreensível.

3. Consideração final

Na convergência com o modo de centrar-se no humano encontramos a ausência de uma diferença explícita entre *língua* e *linguagem*, o que encaminha o pensamento de Vilém Flusser a preocupar-se exclusivamente com a linguagem no sentido humano, esquecendo que a linguagem, que também engloba como conceito e realidade a língua, excede ou é mais do que a língua, não só abrangendo todas as línguas, naturais e artificiais, tal como conhece Flusser, como todos os modos de linguagem, ainda não humanos, desde a botânica à zoologia, desde os sistemas informacionais químicos, e desde as plantas às analogias de consciência nos animais. Há, pois, sistemas linguísticos que excedem o do homem, mas a esta indicação prefere Flusser contemplar o sistema da língua como obra maravilhosa do mundo humano. Neste sentido se dirá que a ontologia flusseriana, como, aliás, temos visto, é mais uma ontologia da língua do que uma ontologia da linguagem, pelo que se justifica a ontologia da língua como chave hermenêutica do pensamento flusseriano adotada neste ensaio.

Doutor em Filosofia (Universidade Católica Portuguesa, 2001)
E-mail: cpimentel@ucp.pt